

DE QUE VÊM SE OCUPANDO OS LINGÜISTAS ULTIMAMENTE*

VANDERSÍ SANT'ANA CASTRO
UNICAMP

O objetivo deste trabalho é apontar focos de interesse dos lingüistas nos últimos tempos, tendo em vista a possibilidade de se estabelecer uma comparação e uma aproximação entre a trajetória da Lingüística e a da Lingüística Aplicada.

Não me ocuparei propriamente da questão da Lingüística e seu objeto¹, tema que poderia nos levar à discussão do caráter científico da Lingüística, de seus objetivos e métodos, de suas fronteiras externas e internas. Trata-se de tema amplo e polêmico que desviaria esta exposição de seu objetivo preciso e imediato. Assumirei uma concepção "pluralista" do objeto da Lingüística, dada a variação entre as teorias lingüísticas no que se refere às metodologias que empregam e ao recorte do objeto que privilegiam (Dascal e Borges Neto, 1993:463).

Não pretendo tampouco apresentar uma história recente da Lingüística, o que implicaria um trabalho de erudição e de múltiplas referências que vai muito além de minha pretensão. O que pretendo fazer é, muito simplesmente e sem preocupação de originalidade, apontar direções novas que vêm se definindo no trabalho dos lingüistas nos últimos tempos, o que certamente vem dando feições novas à Lingüística.

LINGÜÍSTICA: UM PERFIL EM ALTERAÇÃO

Na verdade, sobretudo a partir dos anos 60, muita coisa mudou no perfil da Lingüística, se assim posso dizer. Isso tem a ver com o fato de que os estudiosos da linguagem vêm diversificando a sua atuação e cada vez mais explorando aspectos da linguagem até então não destacados no quadro de interesses dos lingüistas. Para se ter uma idéia dessa diversidade de enfoques de que é alvo a linguagem basta atentar para o que os departamentos de Lingüística vêm desenvolvendo em termos de pesquisa e de cursos. Para esta observação não é preciso ir muito longe: veja-se, por exemplo, o que ocorre em nosso Departamento de Lingüística aqui no IEL. Ao lado de cursos e pesquisas nas áreas

* A versão original deste texto foi apresentada no Seminário "A Lingüística e a Lingüística Aplicada", no III congresso Nacional de Lingüística, realizado na UNICAMP, de 31 de agosto a 03 de setembro de 1992.

¹ Sobre este tema v. Dascal e Borges Neto 1993; Possenti 1979.

tradicionais da Lingüística - Fonética, Fonologia, Gramática, Semântica - e em Lingüística Histórica², que complementam a abordagem sincrônica da linguagem, desenvolvem-se também cursos e pesquisas em Sociolingüística, Pragmática, Análise do Discurso, Lingüística Textual, Análise da Conversação, Psicolingüística, Neurolingüística. (Poeschl (1979:10) já apontou a institucionalização de novas áreas da Lingüística).

SAUSSURE E O OBJETO DA LINGÜÍSTICA

Evidentemente, não é essa diversidade de perspectivas que caracteriza a Lingüística Moderna de seus primórdios até o correr dos anos 50 (o que não significa que não houvesse percepção da complexidade do fenômeno linguagem). Como se sabe, no começo do século e lançando os fundamentos da Lingüística Moderna, Saussure afirma a necessidade de se circunscrever o objeto específico da Lingüística dentro do "conjunto heteróclito de fatos da linguagem" (*Cours...*, p.31). Neste sentido, Saussure propõe a dicotomia **langue-parole**, opondo dois aspectos da linguagem: de um lado o que é social e geral, ou seja, o sistema de convenções adotado na comunidade para o exercício da faculdade da linguagem, e, de outro lado o que é individual e particular, ou seja, o uso individual da linguagem nos atos de fala. Dentre esses dois aspectos é na LANGUE que Saussure reconhece o objeto da Lingüística, por seu caráter **essencial, homogêneo, autônomo**.

Não só a dicotomia **langue-parole** se revelou de grande vitalidade, tendo sido inclusive retomada, com algumas modificações, na distinção chomskyana **competência-desempenho**, como também se firmou a idéia de que o objeto próprio da Lingüística é a **língua**, ou a **competência lingüística**.

Dentro dessa perspectiva, os lingüistas se ocuparam então do estudo da **língua** em seus diferentes aspectos, desenvolvendo-se assim as diferentes áreas da Lingüística, correspondentes aos diferentes níveis de análise: Fonética³, Fonologia, Gramática (incluindo Morfologia e Sintaxe), Semântica.

O desenvolvimento dessas diferentes áreas não se deu, na verdade, com igual ênfase ao longo do tempo, mas apresentou claros momentos de concentração de interesse em determinados níveis de análise. Assim é que se pode dizer com Matthews (1980:16) que os anos 30 foram uma década de grande desenvolvimento da Fonologia (lembre-se que em 1939 é publicada a obra clássica de Troubetzkoy - **Grundzüge der Phonologie**), enquanto os anos 40 e o início dos anos 50 formam um período de grande progresso na

² É oportuno observar que a Lingüística Histórica tem-se revitalizado pelo desenvolvimento de estudos que relacionam variação e mudança lingüísticas.

³ Talvez coubesse uma observação para o fato de se ter mencionado a fonética como uma área da Lingüística. A Fonética nem sempre foi vista como uma área da Lingüística, e sim como uma ciência autônoma. Considerando-se, porém, que o trabalho do foneticista contribui ou é mesmo indispensável para uma melhor compreensão do fenômeno da linguagem humana, e é desenvolvido especificamente para esse fim, creio que é bastante justificada a inclusão da fonética entre as áreas da Lingüística.

Morfologia. Já no final dos anos 50 e nos anos 60 a atenção dos lingüistas se desloca para a Sintaxe e, em seguida, para a Semântica, destacando-se neste último período a proposta gerativista com todas as críticas e mudanças que ela representa em relação ao estruturalismo. (Sobretudo a partir dos anos 40 observa-se uma intensa atividade descritivista que se prolonga até hoje, felizmente, pois esse trabalho básico é indispensável e extremamente útil, sobretudo quando está voltado para línguas ou variedades lingüísticas ainda não descritas ou mal descritas).

NOVAS DIREÇÕES

A partir dos anos 60, entretanto, os lingüistas começam a se sentir limitados no estudo estrito da língua "em si mesma" e "por si mesma". Ou antes, começam a sentir as limitações desta posição que privilegia a língua e exclui de sua consideração o **uso** lingüístico em si mesmo, com as implicações que lhe são próprias, a saber, seu **contexto** de ocorrência - o lugar e o momento em que esse uso se dá -, o **referente** particular a que ele diz respeito, o **falante** e o **ouvinte** envolvidos, com suas peculiaridades, o fato de que cada ato lingüístico constitui um **espaço de interação** incessante entre os interlocutores. Ora, é justamente o **uso** lingüístico que passa a interessar os lingüistas, não pelo simples fato de ser um aspecto da linguagem que restava a ser explorado, mas pelo fato de que algumas constatações apontavam ser esse estudo fundamental para a compreensão da própria natureza da linguagem.

Um dos desdobramentos desse interesse pelo **uso** da linguagem é o desenvolvimento de estudos sobre a **variação lingüística** que se pode observar no desempenho lingüístico de um falante para outro, e em relação a um mesmo falante. Essa variação estaria relacionada com fatores extra-lingüísticos, fatores sociais. Mais precisamente, a **variação dialetal** (o termo "dialeto" tomado aqui em seu sentido amplo) estaria relacionada com a identidade social do falante (procedência geográfica, idade, sexo, estrato sócio-econômico, grau de escolaridade), e a **variação estilística** (observada no desempenho de um mesmo falante) estaria relacionada com as características da situação de comunicação (identidade social do interlocutor, tipo de relacionamento entre falante/ouvinte, assunto e local da comunicação, canal de comunicação). A linguagem se mostra, então, como índice da estrutura da sociedade, e a variação lingüística é devidamente operada pelos membros da comunidade ao fazerem uso da língua. Isso mostra a estreita ligação entre o **social** e o **lingüístico** e aponta a importância de se refletir tal relação na própria concepção da linguagem, o que significa incorporar a variação à língua.

Essa perspectiva que relaciona a estrutura lingüística e a estrutura social é identificada como **sociolingüística**. Apontando a necessidade de se estudar a linguagem no contexto social, a Sociolingüística se propõe a recuperar o caráter "social" da língua, que não teria sido adequadamente tratado nos estudos de perspectiva saussureana. Labov (1978:185-186) critica o que ele chama de "paradoxo saussureano", que consistiria em se

definir a língua como social mas não se levar em conta esse aspecto ao descrevê-la.⁴ Levar em conta o caráter social da língua é integrar nela a heterogeneidade como fator constitutivo. A língua não mais seria vista como um sistema homogêneo mas, mais propriamente, como um conjunto de subsistemas, um complexo de variedades. A variação é **sistemática**, e faz parte da competência lingüística a aptidão de se empregar regras variáveis bem como o conhecimento do valor social que a comunidade atribui às variantes que se alternam.⁵

Além da questão da variação lingüística, um outro aspecto que se revela de interesse na consideração do **uso** lingüístico é a questão do sentido. A exploração dessa perspectiva se iniciou com a constatação de que a significação de certos elementos da língua implica o ato da enunciação.

Neste sentido, é exemplar o estudo de Benveniste (1966) sobre a natureza dos pronomes, mostrando que a referência e a oposição dos pronomes pessoais só são adequadamente explicados levando-se em conta a "instância do discurso" em que tais formas ocorrem, e considerando-se quem os enuncia e para quem.

A análise dos performativos (como "eu prometo...", "eu te batizo...") também revelou um tipo de elemento lingüístico vinculado ao ato de enunciação visto que, neste caso, pelo ato de enunciar se realiza a ação nomeada.

De modo semelhante, identificam-se elementos lingüísticos que não são total e satisfatoriamente explicados pelas gramáticas de frase, e que encontram um tratamento adequado se são considerados em sua ocorrência dentro de um contexto verbal mais amplo. (Estou me referindo a elementos da língua - gramaticais ou lexicais - que, indo além da frase, estabelecem relações semânticas entre elementos do texto, criando a coesão textual e permitindo o reconhecimento do texto como uma unidade. Um trabalho clássico sobre o assunto é a obra de Halliday e Hasan (1976) sobre os recursos coesivos do inglês).

Constatações deste tipo, que estudos posteriores procuraram estender à língua em geral, mostraram a insuficiência de uma análise da significação que não leva em conta a instância do discurso e abriram caminho para o estudo do sentido dos enunciados em seu contexto de ocorrência, e para o estudo dos "textos" enquanto manifestação discursiva. Firma-se, então, a idéia de que para dar conta do sentido de uma produção real de linguagem é preciso considerar suas condições de produção: o ato de enunciação em si mesmo envolvendo a situação imediata e um contexto mais amplo em que ele se situa, a relação dos interlocutores entre si e com a linguagem, o contexto verbal.

Este voltar-se para a enunciação, para o discurso, para o uso da língua não significa, todavia, restringir-se à descrição do particular, do individual em linguagem: ao

⁴ O outro lado do paradoxo estaria no fato de que a **parole**, definida como individual, é recuperada no **uso** da linguagem, o que envolve o social.

⁵ Antes da sociolingüística tal como ela se desenvolveu a partir dos anos 60, o interesse pelo estudo sistemático das variações da língua já tinha se manifestado no final do século XIX, mas voltado particularmente para a variação de natureza geográfica, dando origem à Dialectologia. O interesse pelos dialetos surgiu como uma decorrência dos estudos histórico-comparativos, isto é, para esclarecer aspectos da história das línguas (evidenciando já nesse momento a relação entre variação e mudança lingüística).

contrário, os estudos têm revelado que também o **uso** da língua é controlado por regras que se estabelecem no interior da comunidade.

Vários tipos de estudos se desenvolvem atualmente nesta perspectiva que considera a atividade discursiva com todos os fatores nela envolvidos: os estudos de Pragmática em seus diferentes enfoques, de Análise do Discurso em suas diferentes orientações, de Análise da Conversação, de Lingüística Textual em suas várias vertentes.

Gostaria ainda de mencionar, mesmo que de passagem, um terceiro aspecto que tem se revelado de interesse na consideração do **uso** lingüístico: é o que diz respeito aos usuários, especificamente no que concerne aos processos psicológicos envolvidos na produção e na compreensão da linguagem, o que constitui a área de atuação da Psicolingüística. Esse interesse incide não só sobre a fala, mas também sobre a escrita e a leitura. O ramo mais desenvolvido da Psicolingüística é o da Aquisição da Linguagem que tem procurado explicar como a criança se apropria da linguagem.

Finalizando: o que se constata é que dos anos 60 para cá houve uma ampliação do campo de interesse dos lingüistas, observando-se também uma mudança quanto à natureza dos fatos observados. De uma preocupação estrita com a língua ou com a competência lingüística, no sentido de identificar suas estruturas e suas regras, estendeu-se a observação para o **uso** lingüístico, procurando-se entender o funcionamento da linguagem na prática social. A linguagem é vista como atividade. Fala-se, então, em **competência comunicativa**. Para além da frase, desenvolve-se o interesse pelo texto. E pela complexidade dos fenômenos observados e pelas perspectivas adotadas em sua consideração, constata-se uma ampla atividade de colaboração interdisciplinar.

A LINGÜÍSTICA E A LINGÜÍSTICA APLICADA

Depois dessa tentativa rápida e notoriamente redutora de identificar algumas marcas no caminhar da Lingüística, uma palavra final procurando pensar a relação Lingüística/Lingüística Aplicada. Se de fato for possível reconhecer no percurso da Lingüística Aplicada um reflexo da trajetória da Lingüística, a produção científica em Lingüística Aplicada deverá revelar isso tanto na bibliografia dos trabalhos da área como na própria escolha dos assuntos ou temas estudados.

Na tentativa de verificar esta hipótese procurei analisar quatro números⁶ de periódicos da área no que se refere aos assuntos abordados nos artigos. Tomei dois exemplares da revista **Études de Linguistique Appliquée** e dois exemplares da **Applied Linguistics**.

O que se constatou revela um certo paralelismo no sentido que se esperava, isto é, os trabalhos em Lingüística Aplicada acompanham as direções tomadas pela Lingüística. Confira-se:

O primeiro volume examinado - **Études de Linguistique Appliquée** n° 2, de 1963 - divide-se em duas partes. A primeira parte da revista trata de "Lingüística Estatística e

⁶ Seleccionados por um critério aleatório.

Linguística Aplicada" e traz trabalhos voltados sobretudo para a Lexicologia. A segunda parte da revista trata de "Análise Linguística e Linguística Aplicada". Nesta parte, num total de sete artigos, três tratam de questões relacionadas com Fonética e Fonologia; dois abordam temas relativos a Gramática, um artigo se volta para um assunto de Semântica, e outro é sobre tradução automática (envolvendo Gramática e Semântica).

Como se pode observar, esta revista do início dos anos 60 reflete de perto os interesses predominantes da Linguística até essa época.

Já o exame do número 83 do mesmo periódico, do ano de 1991, apresenta um temário bem diverso. Trata-se de um número com um tema geral - "Textes, discours, types et genres" - que reflete de imediato a sintonia com as preocupações mais recentes da Linguística. Os artigos que integram a revista abordam temas relacionados com Análise do Discurso e Linguística Textual, como: tipologia de discurso, heterogeneidade discursiva, regularidades discursivas.

Da revista **Applied Linguistics** foram examinados dois números da década de 80. O primeiro deles é o volume 1, nº 3 de 1980. Trata-se de um número dedicado ao tema geral da Aplicação da Análise do Discurso, revelando-se, portanto, afinado com uma tendência contemporânea da Linguística.

O segundo número examinado é o volume 2, nº 1, de 1981. Dos cinco artigos publicados na revista, dois são sobre aplicação de Análise do Discurso e um artigo é sobre aplicação de Aquisição da Linguagem, confirmando mais uma vez a sintonia com temas atuais da Linguística. Os outros dois artigos estão voltados para questões específicas do ensino de língua (um trata da questão de avaliações - "tests" - no ensino de língua, e outro é sobre o ensino de Inglês para propósitos específicos - para a área de Engenharia, por exemplo).

Embora o número de revistas examinadas seja muito reduzido, o resultado da análise não deixa de apontar uma aproximação notável entre os temas desenvolvidos nos trabalhos de Linguística Aplicada e as tendências da Linguística da mesma época.

BIBLIOGRAFIA

APPLIED Linguistics. vol. 1, nº 3, 1980. Vol. 2, nº 1, 1981.

BENVENISTE, É. 1966. "La nature des pronoms". **Problèmes de Linguistique Générale**.

DASCAL, M. e BORGES NETO, J. 1993. "De que trata a Lingüística, afinal?" In: **Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina**. Vol. II, Campinas: UNICAMP, IEL, p.435-464.

FRANÇOIS-GEIGER, D. 1988. "Être linguiste aujourd'hui?". **La Linguistique**. Vol. 24, fasc. 2/1988, p.3-16.

ÉTUDES de Linguistique Appliquée. nº 2, 1963. nº 83, 1991.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. 1976. **Cohesion in English**. Londres: Longman.

LABOV, W. 1978. "The study of language in its social context". **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

MATTHEWS, P.H. 1980. **Morfologia. Introducción à la teoria de la estructura de la palabra**. Madrid: Paraninfo.

POSSENTI, S. 1979. "Discurso: objeto da Lingüística". In: **Sobre o discurso**. Série Estudos: 6. Uberaba: Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, p.9-19.

SAUSSURE, F. de 1968. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot.